

## O MEME ENSINA? REPRESENTAÇÕES COM O SUJEITO SURDO EM MEMES DA INTERNET

Elaine Reis Laureano<sup>1</sup>

Bruna Kedman Nascimento de Souza Leão<sup>2</sup>

Walquiria Nascimento da Silva<sup>3</sup>

*Resumo:* Nesta pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, buscamos analisar como o sujeito surdo é representado em memes que circulam na internet à luz dos Estudos Culturais da Educação, verificando os lugares e papéis outorgados à pessoa surda nessas pedagogias culturais. Para tanto, utilizamos a página do Facebook “As Aventuras de Gerso, O Surdo” como campo de pesquisa, na qual são publicados e compartilhados memes que satirizam a surdez. Verificamos que as representações com o sujeito surdo são embasadas pela concepção de surdez como falta, e não como diferença cultural. Os memes funcionam como pedagogias culturais que propagam ensinamentos estereotipados sobre as identidades surdas e outorgam lugares e papéis inferiorizados perante todo o sistema que as cerca. Por fim, propusemos a produção de memes, valendo-se do aplicativo Meme Generator, como forma de possibilitar outras representações com o sujeito surdo na escola.

*Palavras-Chave:* Meme. Sujeito surdo. Representação. Pedagogias culturais.

---

<sup>1</sup> Professora de Português e Libras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPB e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFPB. Endereço eletrônico: elainereis1406@gmail.com.

<sup>2</sup> Professora, Pedagoga e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Endereço eletrônico: brunakedman1@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora de Libras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB). Endereço eletrônico: wal\_ns@hotmail.com.

## **DOES MEME TEACHE? REPRESENTATIONS WITH THE DEAF SUBJECT ON INTERNET MEMES**

*Abstract:* In this exploratory research with a qualitative approach, we seek to analyze how the deaf person is represented in memes that circulate on the internet in the light of Cultural Studies of Education, verifying the places and roles given to the deaf person in these cultural pedagogies. To do so, we used the Facebook page “The Adventures of Gerso, The Deaf” as a research field, in which memes that satirize deafness are published and shared. We found that the representations with the deaf subject are based on the conception of deafness as a lack and not as a cultural difference. Memes function as cultural pedagogies that propagate stereotyped teachings about deaf identities and grant inferior places and roles before the entire system that surrounds them. Finally, we proposed the production of memes, through the Meme Generator application, to enable other representations with the deaf subject at school.

*Keywords:* Meme. Deaf subject. Representation. Cultural pedagogies.

### **Introdução**

Curtir, comentar e compartilhar são ações presentes no cotidiano de qualquer pessoa que esteja incluída nas redes sociais virtuais ou mesmo fora delas: em conversas na calçada, na feira, nas recepções das clínicas, no pátio das escolas, nas propagandas da TV ou manchetes dos jornais. São três verbos que “viralizaram” dentro e fora da internet, estando explicitados não só nas falas, mas também nos modos de agir e pensar. Nesse sentido, podemos afirmar que são três procedimentos ou ações sociais ressignificadas por um espaço específico, o ciberespaço.

Segundo Hall (1997), toda ação social é cultural e, por isso, comunica significados. Desse modo, curtir, comentar e compartilhar conteúdo na internet possibilitam aos usuários expressarem suas opiniões, demonstrarem seus interesses, gostos, aprenderem novas habilidades e, inclusive, recriá-las. Nesse processo comunicativo, repleto de nuances, os sujeitos estão dialogicamente conectados, mostrando-se e sendo mostrados, construindo e desconstruindo paradigmas relacionados aos mais variados temas, desde discussões sobre política até a escolha de vestimentas, ritmos de dança ou estilos de vida.

Nesse espaço de descentralização social, interatividade e produção de sentido (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017), há uma trama de relações de poder que marcam os relacionamentos estabelecidos pelos sujeitos implicados pelos conteúdos assistidos, lidos e replicados. Os próprios sujeitos vão se construindo e se reconstruindo, de acordo com as imagens, os conceitos e as representações disseminadas na internet, marcadas por padrões e chacotas ao que é diferente, que acabam passando, muitas vezes, despercebidas diante daquele turbilhão de efeitos estéticos presentes no ambiente virtual.

Desse modo, ao mesmo tempo em que a internet pode ser vista como um espaço de refúgio, liberdade de expressão da transformação de quem sou em que eu gostaria de ser, pode também ser um local que inibe, dita regras, propaga a intolerância e o preconceito, quando compreendida como terra de ninguém. Nesta última perspectiva, é como se o outro por trás da tela não existisse ou fosse um objeto.

Dentre os conteúdos que se propagam e extrapolam a rede, estão os memes, imagens com frases curtas que, geralmente, expressam humor em relação à situação política, à vida acadêmica, às atividades cotidianas ou aos modos de ser. Sendo assim, os memes funcionam como transmissores culturais, podendo ser efêmeros ou duradouros, mas estão

sempre contextualizados (DAWKINS, 2007), ou seja, incorporam e são incorporados por um público e uma época específica.

O compartilhamento de memes está diretamente relacionado ao processo de identificação de indivíduos em relação a determinado tema ou situação, ou seja, os sujeitos leitores se identificam ou não com o conteúdo ou com o modo como esse conteúdo se encontra materializado por meio do meme. Por outro lado, nessas incorporações, os memes também podem possibilitar formas de resistência. Daí, observamos o grande potencial pedagógico nesse artefato cultural, que implica a regulação comportamental dos sujeitos, ao mesmo passo que permite sua fala.

No intuito de problematizar memes que expressam e satirizam a diferença cultural, principalmente em relação ao sujeito surdo, no presente artigo, temos a seguinte questão: Como o sujeito surdo é representado em memes que circulam na internet? O objetivo geral é o de analisar como essa representação é feita à luz dos Estudos Culturais da Educação, campo de pesquisa que investiga processos educativos sob o prisma da cultura e do poder. Para tanto, elaboramos, ainda, os seguintes objetivos específicos: identificar e analisar memes que representam o sujeito surdo na internet e verificar os lugares e papéis outorgados ao sujeito surdo pelos ensinamentos presentes nesses memes.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, na qual utilizamos a rede social Facebook como campo de pesquisa, mais especificamente em uma página que memifica o corpo surdo: As aventuras de Gerso, O Surdo. Foram selecionados quatro memes para serem analisados à luz dos Estudos Culturais da Educação, particularmente, a partir de conceitos como: pedagogia cultural, representação, identidade e diferença.

Na seção a seguir, discutiremos o gênero meme para, em seguida, apresentarmos o percurso metodológico. Então, apresentaremos uma discussão sobre as possibilidades de representação envolvendo o sujeito surdo em memes para, nas considerações propositivas, discutirmos a produção de memes, por meio do aplicativo Meme Generator, como uma forma de possibilitar outras narrativas e representações de pessoas surdas, que pode ser utilizado na escola. Por fim, apresentamos as considerações finais, a que chegamos com nossas análises envolvendo a veiculação de memes em meio virtual relacionadas ao sujeito surdo.

### **Memes: uma pedagogia cultural**

Fomos educados/as em uma tradição em que a cultura é entendida como uma materialização em instrumentos — artefatos exóticos ou característicos de um povo —, símbolo de erudição, civilidade, por vezes, arte abstrata demais para alcançar os olhos de qualquer um ou qualquer uma. Ou seja, aprendemos a compreender o cultural a partir de uma visão reducionista, inacessível e sem nenhum tipo de problematização.

Neste texto, apoiamo-nos em uma compreensão mais ampliada de cultura em que esta é reconhecida como um elemento presente em todo o processo de humanização, nas mais distintas civilizações ou contextos sociais e que está viva no cotidiano das pessoas, conectando-as, possibilitando mudanças e sendo modificada por elas. Para além de artefatos, a cultura é simbólica, permeada por embates e tensões, possuindo, inclusive, centralidade na constituição da subjetividade dos sujeitos (HALL, 1997).

Nessa perspectiva, somos produzidos por regras estéticas e éticas dos grupos aos quais pertencemos, ou seja, a noção de identidade é construída na e a partir da presença de outrem, ou seja, na relação com a diferença (SILVA, 1999).

Nesse viés, a identidade constitui-se de dois elementos: a objetividade, sendo aquilo que o outro vê em mim, e a subjetividade, aquilo que eu acho que estou mostrando.

Nessa mesma direção, Hall (1997), um dos estudiosos que estiveram à frente do campo dos Estudos Culturais, afirma que as nossas identidades são formadas por intermédio da cultura. Assim, todo sujeito é o que é, também, por conta do contexto em que se insere, das relações que estabelece e mantém ao longo da vida. Desse ponto de vista, os sujeitos aprendem o tempo todo, uns com os outros, nos mais distintos espaços. Onde há interação humana, há aprendizagem.

Desse modo, o conceito de identidade está intimamente relacionado ao conceito de diferença, mas, ao mesmo tempo, ao de representação. Segundo Hall (1997, p. 15), “a representação é uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e trocado (*exchanged*) entre membros de uma cultura”. Logo, para que essa troca se concretize, é necessário que haja o uso da linguagem e de elementos que representem objetos, lugares, pessoas etc.

Sendo assim, de acordo com Woodward (2012, p. 18), a representação pode ser “compreendida como um processo cultural” que produz significados às nossas experiências, além de dar sentido ao que somos. Nessa perspectiva, o conhecimento constitui-se, segundo o que Silva (1999) considera, como um sistema de significação e, por isso, articula-se às relações de poder. Destarte, a cultura, a educação e o poder são indissociáveis.

Essa perspectiva amplia o conceito de pedagogia, desconstruindo a máxima da escola como lugar exclusivo da aprendizagem. De acordo com Giroux (2008), os Estudos Culturais compreendem a pedagogia como prática cultural. Desse modo, ela está presente onde quer que exista intenção de persuadir e conformar pensamentos e comportamentos. Nesse processo, algumas narrativas são privilegiadas em

detrimento de outras, acentuando desigualdades e, no movimento oposto, ocultando as diferenças.

Silva (1999) acrescenta que outras instâncias e seus artefatos culturais externos à escola também têm uma pedagogia, também ensinam ao seu público: o cinema, as músicas, as propagandas de publicidade, as revistas, a TV, entre outros. Nessa direção, Steinberg (1997 *apud* ANDRADE; COSTA, 2015, p. 102) afirma que os “locais pedagógicos são aqueles onde o poder se organiza e se exerce”. Assim, em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido, haverá regulação dos sujeitos, por meio da transmissão de valores e atitudes — é o que compreendemos como pedagogias culturais (ANDRADE; COSTA, 2015). As pedagogias culturais explicitam, portanto, a relação ou a articulação entre pedagogia e cultura.

Destarte, o modo como nos vestimos, como nos relacionamos em nosso cotidiano, o vocabulário que utilizamos, as “verdades” e os valores que internalizamos, bem como os comportamentos que emitimos, são também influenciados pelos produtos culturais que consumimos. Embora sejamos “modelados” pelas mídias e outras pedagogias culturais, é importante salientarmos que não somos meramente passivos, receptores inertes, nem recebemos os conteúdos de modo igual.

Nessa perspectiva, Martín-Barbero (2014) contribui com o conceito de mediação, que consiste na consideração dos aspectos culturais que estão entre os estímulos da mídia e nós, os sujeitos. Ora, nós não só nos adaptamos ao que é estabelecido, mas também o transformamos, o recriamos e o compreendemos de maneira distinta. Nesse sentido, está implícito no conceito de mediação as possibilidades de ruptura e conexão nos modos de comunicar.

Na contemporaneidade, os meios de comunicação têm sido reconfigurados de modo cada vez mais descolonizado,

ágil e fugaz. Um exemplo são as mídias que permeiam a internet. Porém, que espaço é esse que envolve a todos de tal maneira que perpassa o ambiente digital, que tem modificado nossos relacionamentos, que amplia possibilidades de comunicação?

Trata-se do ciberespaço ou da cultura digital, um ambiente ou uma rede virtual que, além de favorecer aos usuários estarem conectados, possibilita que eles sejam conectados. De acordo com Heinsfeld e Pischetola (2017, p. 5), essa cultura “está relacionada à comunicação e à conectividade global, ao acesso e à produção de conteúdo de forma veloz, interconectada, autônoma e mediada pelo digital”, caracterizando-se pela conectividade, transversalidade e interatividade.

Com essas características, o ciberespaço cria um panorama cultural, tecido por uma série de tecnologias digitais que oferecem novas e múltiplas linguagens, modos de expressão, sensações, experiências e formas de aprendizagem. Essas tecnologias incorporam elementos do cotidiano dos sujeitos, ao mesmo passo que eles também as incorporam.

No contexto virtual, a maioria das pessoas se sente à vontade para expressar e expor suas vidas em todos os aspectos, extrapolando o que antes era mantido de forma privada. Nesse processo, são construídas identidades individuais e coletivas atreladas às representações que, de algum modo ou em alguma medida, dizem algo sobre um tipo de sujeito, um padrão ideal, ora causando identificação, ora repulsa. Seu caráter de descentralização possibilita a manifestação de diversas culturas, no entanto, isso não impede que haja hierarquizações e, por isso, desigualdades, afinal de contas, a distribuição desigual do poder também faz parte da realidade virtual.

Desse modo, o que é diferente pode ser satirizado, sobretudo, nas redes sociais, onde rapidamente uma publica-

ção é curtida, comentada e compartilhada, seja construtiva ou não. Um exemplo de gênero (textual) que satiriza os mais diversos temas com a utilização da imagem de um corpo e frases curtas é o meme.

Embora tenhamos conhecido os memes a partir da internet, nas redes sociais, seu conceito é bastante anterior à expansão da rede. Surgiram na mesma época que a dos computadores pessoais, na década de 70, período em que as pessoas sequer sonhavam com as revoluções que seriam causadas pela Web 2.0<sup>4</sup>, bem como com o reconhecimento de uma cultura específica, a cultura digital.

O termo meme foi utilizado pela primeira vez pelo biólogo Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta* — originalmente publicado em língua inglesa em 1976 com o título *The selfish gene* — cujas discussões versavam sobre a evolução em prol do favorecimento do indivíduo, e não do grupo. Nessa perspectiva, o autor discorre sobre as consequências do darwinismo nas relações humanas, examinando o egoísmo e o altruísmo.

Além disso, Dawkins (2007) apresenta o potencial genético como perpetuador ou replicador de características humanas, mas, a todo o momento, enfatiza o papel da cultura, por possibilitar ao ser humano novas aprendizagens e transformações, para além da mera adequação ao meio. Um exemplo dado pelo autor é o da evolução da língua que, por meios não genéticos, possui uma velocidade bastante superior e mais diversificada.

---

<sup>4</sup> Conforme esclarecido em matéria publicada na Folha de S. Paulo (2006), “O termo Web 2.0 é utilizado para descrever a segunda geração da World Wide Web - tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo”.

Nesse contexto, anuncia o meme como um novo replicador, um replicador cultural que transmite a ideia de imitar, podendo também estar relacionada à memória. Assim, memes são ideias que se propagam culturalmente. A esse processo de propagação, que ocorre sempre pela fala e pela escrita, Dawkins (2007) chama de imitação, o qual é potencializado pela musicalidade ou pela arte estupenda. Essa última forma constitui-se como um elemento dos memes que conhecemos atualmente, a saber: uma arte que chama a atenção, um corpo expressivo e sempre contextual.

Outra característica do meme, segundo Dawkins (2007, p. [113]), é que alguns deles “conseguem um sucesso brilhante a curto prazo ao espalharem-se rapidamente, mas não permanecem muito tempo”, ou seja, a sobrevivência ou sucesso de um meme dura enquanto as pessoas o transmitem. No caso da internet, depende do quanto são compartilhados. O biólogo acrescenta que “somos construídos como máquinas gênicas e cultivadas como máquinas mêmicas, mas temos o poder de nos revoltarmos contra nossos criadores” (DAWKINS, 2007, p. [116]). Logo, a corrente mêmica pode ser criada e recriada pelos sujeitos responsáveis por sua propagação.

Coelho (2017), em seu artigo sobre memes como pedagogias culturais e currículos, faz análises de memes que satirizam a educação formal, demonstrando as narrativas implícitas, memificadas, que contam histórias sobre como as pessoas veem o fenômeno educativo. Evidencia-se, portanto, a potencialidade dos memes no estabelecimento de determinadas marcações, ou estereótipos, e modos de ver a educação.

Aqui, focalizamos os memes direcionados à pessoa surda. Tal escolha se deu por considerarmos a surdez uma diferença cultural que é, muitas vezes, disseminada como uma deficiência, contribuindo para a representação da pessoa surda como incapaz ou insensível.

## **Percurso metodológico**

No intuito de propormos o reconhecimento dos memes que circulam na internet como pedagogias culturais, pelo fato de ensinarem, de forma implícita, concepções, papéis e lugares relacionados aos sujeitos que representam, realizamos uma pesquisa exploratória na internet. Inicialmente, foi feita uma busca no *site* da *Google* com o significante meme sobre surdez. Dentre as imagens dos resultados, a maioria pertencia a uma página específica da rede social Facebook, o que nos remeteu à página As Aventuras de Gerso, O Surdo. Nela, há vários memes compostos por desenhos, feitos graficamente com traços simples, cujo protagonista é o Gerso, provavelmente, um personagem fictício.

Interessou-nos saber se quem criava aqueles memes era ou não uma pessoa surda, pois isso nos daria pistas para diferenciar como surdos se veem e como são vistos, no caso de o criador ou criadora ser um ou uma ouvinte. Para tanto, tentamos entrar em contato com o moderador da página, porém, não obtivemos resposta.

Dentre os memes publicados, selecionamos quatro para análise. No primeiro, há uma situação de assalto a um surdo, Gerso. No segundo, Gerso não ajuda um cadeirante que tenta subir em uma rampa. No terceiro, Gerso é espancado na fila de uma repartição. No último, Gerso paga um refrigerante com uma nota de cem, quando na verdade custava dois reais.

Portanto, fitamos na ideia, ou firmamos o compromisso, de suscitar uma discussão acerca do meme como uma pedagogia cultural que corporifica o sujeito surdo, buscando compreender como ele é representado, quais papéis lhes são impostos, o que dizem para e sobre esse corpo. Sendo assim, na seção seguinte, discorreremos, brevemente, sobre a pessoa surda e sua cultura, antes de desenvolver as análises dos memes selecionados.

## Quais representações sobre a surdez são memificadas?

No decorrer da história, a sociedade sempre apresentou uma ideia negativa acerca das pessoas surdas. Por um longo período, foram concebidas como pessoas castigadas pelos deuses ou enfeitiçadas, por isso eram abandonadas ou sacrificadas. Noutra, foram tratadas como seres primitivos, que não poderiam ser educados, vivendo, em consequência, às margens da sociedade e sem direitos de cidadania (STROBEL, 2006).

Posteriormente, vimos que as pessoas surdas podiam ser educadas, desde que fossem utilizadas diferentes metodologias para ensiná-las. O marco mais importante deu-se no Século XVIII, com o reconhecimento da utilização dos sinais como método adequado para os sujeitos surdos aprenderem (GOLDFELD, 2001), fazendo com que outras concepções sobre a surdez passassem a definir as pessoas surdas na sociedade.

Diante da apropriação de sua língua, as pessoas surdas passaram a dominar diversos assuntos e a exercer várias profissões, legitimando, a partir de 1970, a utilização oficial da língua de sinais. Isso possibilitou à pessoa surda ter liberdade para utilizar a língua de sinais independentemente da língua oral, e não as duas, concomitantemente, como até então era recomendado.

A partir dessa perspectiva em torno da importância da língua de sinais para as pessoas surdas, estudos passaram a ser desenvolvidos, desmistificando algumas crenças que envolvem essa língua, como a de que esta era uma linguagem artificial e universal. Comprovar a sua não artificialidade e não universalidade foi fundamental para distingui-la da mímica, pois mostrou-se que, assim como outras línguas, a língua de sinais é consolidada de acordo com as necessidades reais e culturais de seus usuários, ou seja, “em qualquer lugar

em que haja surdos interagindo, haverá língua de sinais” (GESSER, 2009, p. 12).

Desde a regulamentação da Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconheceu oficialmente a Língua Brasileira de Sinais (Libras), como a língua de comunicação e expressão das pessoas surdas no Brasil, reafirmada pelo Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, os sujeitos surdos passaram a ter mais visibilidade na sociedade. No entanto, isso não foi garantia quanto à sua exequibilidade. As pessoas surdas continuam lutando para que seus direitos sejam reconhecidos e aplicados de fato, de modo que não sejam tomados apenas como objeto de interesse de estudos acadêmicos ou como temas propagados na mídia eletrônica.

Sendo assim, por meio das pedagogias culturais, é preciso atentarmos para as visões cristalizadas que são propagadas na sociedade, a exemplo dos memes que circulam na internet. Por se tratar de textos que contêm, predominantemente, imagem e humor, os memes tendem a chamar a atenção dos leitores, principalmente dos internautas, naturalizando ideias depreciativas.

As pedagogias culturais propagam ensinamentos que acabam marcando diferentemente a imagem e os papéis a serem ocupados pelos sujeitos na sociedade, a exemplo do sujeito surdo. Por isso, é importante atentarmos para o fato de que, camuflados pelo humor, os memes podem sedimentar práticas humilhantes e excludentes em relação a determinadas identidades, como a dos surdos, podendo contribuir para a efetivação de práticas violentas contra os sujeitos.

A memória coletiva permite recuperar o papel das pessoas surdas ao longo da história, mostrando que elas ocuparam um lugar marginalizado na sociedade brasileira, sendo vistas como deficientes, incapazes e até loucas. Sobre esses sujeitos, pairava a ideia da inutilidade, gerando o sentimento de desprezo ou de compaixão.

Durante muito tempo, vigorou a ideia de que o surdo era um coitado que deveria viver sempre à mercê dos ouvintes. Nas relações de poder entre as pessoas surdas e as ouvintes, estava bem definido o lugar de supremacia ocupado pelas ouvintes, restando às surdas o lugar da inquestionável subserviência e da passividade.

No entanto, com o passar dos tempos, as pessoas surdas foram mostrando à sociedade que têm uma cultura própria, centrada principalmente em sua forma gestual e visual de apreender e externalizar o mundo, tendo como importante artefato sua língua, a língua de sinais. Os membros de uma Cultura Surda usam a língua de sinais como sua principal identificação e compartilham das crenças das pessoas surdas entre si e com pessoas que não são surdas.

De acordo com Felipe (2001), ser “Surdo” é fazer parte de uma cultura e de uma comunidade Surda, é atuar politicamente para ter seus direitos de cidadania e linguísticos respeitados. As pessoas surdas (re) significam o mundo, utilizando a percepção espaço-visual, em substituição à audição e à fala. Elas diferem das ouvintes, não apenas porque não ouvem, mas porque desenvolvem potencialidades psicoculturais próprias.

Sendo assim, partindo dessa representação do “ser surdo” e da história desse sujeito, ao contrário do que aparenta, acreditamos que os memes que circulam na internet acabam reforçando estereótipos antigos e, conseqüentemente, marcando de forma negativa as constituições identitárias em torno do papel desses sujeitos na contemporaneidade. Continuaremos essa discussão no tópico seguinte, a partir da análise dos memes selecionados.

## Análise dos memes

Nesta seção, serão analisados 4 (quatro) exemplos de memes obtidos a partir da página do Facebook intitulada As aventuras de Gerso, O Surdo.

Figura 1: Meme: O assalto



Fonte: As aventuras de Gerso, O Surdo, c2019.

O meme em questão constitui-se como um lugar pedagógico (ANDRADE; COSTA, 2015) que produz um ensinamento sobre ser surdo/a associado ao discurso da incapacidade. As pessoas surdas são representadas, por meio desse meme, como sujeitos alheios, incapazes de compreender situações que ocorrem à sua volta e, conseqüentemente, de buscarem alternativas para resolverem seus problemas, devido ao fato de não ouvirem. As imagens mostram o personagem surdo bastante desatento à ação de violência à qual está submetido.

Um personagem caracterizado com uma máscara e um revólver, levando os interlocutores a recuperarem facilmente a ideia de que seja um ladrão que se coloca diante do surdo, ordena-lhe que entregue a carteira. Em uma situação como essa, não é necessário ouvir para entender do quê se trata. Os sujeitos surdos, melhor do que os ouvintes, podem fazer uso dos demais sentidos, sobretudo da visão, para perceber quando estão diante de um assalto.

A leitura facial e a corporal que as pessoas surdas podem fazer do ladrão seriam suficientes para lhes levarem a compreender tal situação, pois é por meio da visualidade que as pessoas surdas percebem tudo o que está ao seu redor, tendo em vista que “essas percepções visuais abrangem, através de expressões faciais e corporais, as atitudes dos seres vivos e de objetos em diversas circunstâncias” (STROBEL, 2015, p. 46). Logo, o processo de significação em torno desse meme é perpassado por uma representação distorcida em relação à pessoa surda.

O gatilho do humor nesse meme se constrói por meio da recuperação de um ensinamento pejorativo, relacionado ao sujeito surdo, que o define apenas pelo viés da deficiência auditiva, desconsiderando as demais formas e sentidos que as pessoas surdas podem usar para significarem o mundo e marcam sua diferença cultural. Em todo tempo, o personagem surdo é representado por meio de uma expressão de apatia em relação ao fato, chegando a pensar em fome quando está sendo assaltado.

Podemos compreender que esse meme traz o tema da violência social, valendo-se de um ensinamento estereotipado do sujeito surdo, desconsiderando seu conhecimento de mundo, com base na experiência visual. O sujeito surdo é representado como um indivíduo totalmente ingênuo, incapaz de compreender e vivenciar os fatos sociais que o afetam.

Figura 2: Meme: Percepção do próximo



Fonte: As aventuras de Gerso, O Surdo, c2019.

Partindo, novamente, da representação de um corpo surdo insensível ao que ocorre à sua volta, por conta da surdez, o meme acima exposto funciona como uma pedagogia, por meio da qual, “o poder se organiza e se exerce e se reforça” (ANDRADE; COSTA, 2015, p. 13) para ensinar sobre o sujeito diferente, no caso o surdo. Esse ensino parte da ideia pejorativa da inutilidade das pessoas surdas para resolverem situações, não só de cunho social, como vimos no meme anterior, mas também ético. Um personagem cadeirante encontra-se diante de uma situação de explícita falta de acessibilidade e fica sem auxílio, pois a única pessoa que aparece por perto é exatamente Gerso, o personagem surdo.

O meme leva à possível leitura de que, mesmo tendo passado pelo cadeirante e tendo visto sua necessidade de auxílio, o personagem surdo mostrou-se indiferente ao problema, pelo fato de não ter ouvido o clamor do outro, o que

fez Gerso ir embora, deixando o cadeirante sem ajuda e em lágrimas, por não ter como resolver seu problema. Na representação desse meme, o processo cultural de produção de significado em torno das experiências (WOODWARD, 2012) surdas, novamente, reforça a ideia de que o meme ensina sobre a incapacidade de a pessoa surda resolver situações cotidianas — comumente tidas como facilmente solucionadas — pelo fato de não ouvir.

Nesse processo de significação, a falta de audição ganha destaque, fazendo com que a diferença surda seja inferiorizada diante de uma situação que o meme deixa entrever que poderia ter tido um desfecho diferente se uma pessoa ouvinte tivesse aparecido. A atitude adequada que se espera socialmente de qualquer cidadão ético diante de uma situação como essa é a de auxiliar a pessoa necessitada, que seria, então, exclusiva do sujeito ouvinte, segundo a representação do meme.

Conforme já foi argumentado na discussão do meme anterior, é como se as pessoas surdas não fossem capazes de utilizar outros sentidos para realizar a leitura de mundo. O fato de não ouvir, não é impedimento para os sujeitos surdos entenderem quando uma pessoa está precisando de sua ajuda, principalmente, porque o corpo não se expressa apenas pela oralidade. Isso está relacionado à centralidade da língua oral e da escrita, na qual fomos educados (MARTÍN-BARBERO, 2014).

A expressão facial de aflição do personagem cadeirante favorece a ideia de que necessita de auxílio, além do fato de estar com a cadeira de rodas parada em frente a um obstáculo. Esses elementos não verbais são mais do que suficientes para fazer com que um sujeito surdo os interprete, assistindo um cadeirante que esteja em uma situação como essa. Sendo assim, o meme propicia a leitura de que, mesmo tendo passado a ocupar novos lugares na sociedade, o sujeito surdo continua sendo representado por meio da deficiência,

da falta e, conseqüentemente, pela incapacidade de corresponder às expectativas sociais.

Meme 3: A fila



Fonte: As aventuras de Gerso, O Surdo, c2019.

O meme apresentado acima ratifica o ensinamento propagado ao longo da história que definia a pessoa surda como um sujeito sem “voz”, como “mudo”. Essa representação se ancora na concepção de que o sujeito surdo não tem uma língua e, conseqüentemente, não pode se expressar e, por isso, deve viver recluso no mundo do silêncio.

Como fora discutido, na atualidade, esse tipo de ensinamento tem sido refutado pela comunidade surda e seus estudiosos, que se ancoram em uma concepção de surdez

com base na diferença cultural. Os sujeitos surdos têm uma língua, no caso do Brasil, a Libras; logo, podem-se comunicar, expressar o seu pensamento e a sua cultura. Por isso, assumem a identidade cultural (HALL, 1997) de “surdo”, e não de “mudo”, como muitos os rotulam e aparece nas entrelinhas desse meme.

Vemos que o personagem que representa um atendente anuncia a vez da próxima pessoa da fila, que é Gerso, o personagem surdo. Novamente, o atendente chama, mas Gerso continua imóvel. Em uma atitude de ira, os demais personagens, que estavam esperando por trás dele na fila, começam a agredir o surdo que não utiliza a Libras para fazer ao menos um sinal indicando que é surdo, mesmo sendo espancado.

É comum, em espaços públicos, pessoas ouvintes dirigirem-se para alguma pessoa surda para questionar algo e, de imediato, verem o dedo indicador tocar no ouvido e voltar para a boca, que significa “surdo”, em Libras. Além disso, utilizando a lógica, quando o comprometimento é apenas auditivo, e não cognitivo, como ocorre na maioria dos casos, o sujeito surdo saberia que ele seria o próximo da fila e que o abrir dos lábios do atendente indicaria que havia chegado sua vez de ser atendido.

A representação do sujeito surdo nesse meme, novamente, ancora-se em uma lição que destoa das reais aptidões comunicativas e intelectuais desse sujeito. É evidente que o correto, sobretudo por ser uma determinação legal, é que haja intérprete de Libras nas repartições públicas, bem como nos diferentes espaços da sociedade, para garantir a acessibilidade comunicativa na língua materna das pessoas surdas, mas não se pode limitar sua capacidade interativa. São inúmeras as estratégias e habilidades utilizadas pelos sujeitos surdos para desenvolverem suas atividades cotidianas, sem terem que depender da audição, conforme exemplificamos anteriormente.

Nesse meme, podemos observar que a imagem do sujeito surdo é construída a partir de uma representação negativa da surdez, que marca sua identidade, reduzindo-a a uma total passividade e incapacidade. Logo, nas relações de poder entre surdos e ouvintes, o lugar outorgado ao sujeito surdo é o da inferioridade. Além disso, que pode, inclusive, ser alvo de violência, por não poder explicar oralmente sua condição de pessoa surda.

Figura 4: Meme: O preço



Fonte: As aventuras de Gerso, O Surdo, c2019.

O meme em questão ratifica o impedimento auditivo das pessoas surdas para outorgar ao corpo surdo o lugar da incapacidade e, até mesmo, da imbecilidade, colocando esse outro como inferior. Recuperando o estigma historicamente difundido sobre a pessoa surda ser incapaz de receber a educação formal, de poder ter acesso ao código escrito da língua majoritária de seu país, esse meme, em sua potência pedagógica, ensina que os surdos não conseguem ler, nem ao menos, contar ou identificar o que está escrito em uma cédula monetária de seu próprio país.

Gerso vai até um estabelecimento comercial para adquirir um produto. No meme, observamos que o surdo já chega com uma cédula de 100 reais erguida, antes mesmo de saber quanto custa o produto. Depois de entregar o produto, o comerciante anuncia que valia 2 reais. Mais uma vez, indiferente, Gerso vai embora, havendo deixado os 100 reais. O comerciante grita “senhor”, mas o surdo nem olha para trás. Desse modo, esse sujeito é representado com base na ausência da audição, e não em sua potencialidade visual, o que faz com que a identidade surda seja vista como algo rígido, fixo (HALL, 1997), e não a partir da relação com a diferença cultural que a constitui.

O meme busca produzir o efeito humorístico em cima da enorme desvantagem do surdo, devido ao fato de não saber diferenciar a cédula de 2 reais da cédula de 100 reais que, por serem da mesma cor, requerem que o sujeito decodifique as letras e os números nelas presentes para poder diferenciá-las. Assim, o gatilho do humor seria ativado, por meio da representação em torno da ridicularização da incapacidade auditiva e leitora do sujeito surdo, marcando negativamente a identidade surda.

Esse tipo de ensinamento é, como os que apareceram nos memes anteriores, perigoso, por apresentar uma representação identitária única em relação aos surdos como sujeitos analfabetos e iletrados. Não há, nesse sentido, a compreensão para com o personagem surdo de um sujeito com suas diferenças, mas sim um olhar de incapacidade. Para Green e Bigum (2013), essa compreensão é construída não como diferença, mas como uma questão de deficiência e incompletude. Atualmente, muitas pesquisas na área da educação de pessoas surdas mostram que os surdos têm plenas condições de serem alfabetizados na língua majoritária de seu país.

Para tanto, é necessário que sejam utilizadas metodologias de ensino de segunda língua, na modalidade escrita, a exemplo da língua portuguesa para os surdos brasileiros,

primando pelo uso da língua de sinais como primeira língua. Nessa perspectiva bilíngue, muitas pessoas surdas foram não só alfabetizadas como conseguiram dar continuidade à escolaridade formal, chegando não só a cursarem o nível superior, mas também a concluírem mestrado e doutorado.

### **Considerações propositivas**

Enquanto um gênero discursivo e emergente, o meme tem o ambiente digital, mais especificamente as redes digitais, como espaço de propagação. Curtir, compartilhar e/ou comentar esse tipo de conteúdo são práticas culturais que marcam os corpos memificados ou satirizados. São, portanto, uma nova forma de comunicação e expressão caracterizada pelo humor e pela facilidade de acesso, no sentido de que é um conteúdo de fácil manipulação, refletindo os interesses de determinado grupo em detrimento de outros.

Pudemos vislumbrar, a partir dos memes analisados, ensinamentos sobre o surdo como um sujeito limitado em vários aspectos, como a falta de sensibilidade, o comprometimento em relação à alfabetização, pelo fato de não ouvir, num mundo todo codificado para ouvintes. Desse modo, o meme pode ser considerado uma pedagogia cultural, pois é sistematizado num jogo de poderes entre o corpo surdo e o corpo ouvinte, no qual as pessoas surdas possuem menores oportunidades de poder em detrimento dos ouvintes. Nesse processo de ensino, a diferença é vista como um defeito, e a pessoa surda, como um objeto.

No entanto, é importante pensar sobre o papel da escola para o rompimento desses estigmas. Uma possibilidade é problematizar junto aos estudantes o que está posto, por meio da própria linguagem midiática. De acordo com Martín-Barbero (2000, p. 158), "é fundamental pensar a reação da educação com as transformações nas formas de comunicar, com as transformações na sensibilidade dos jovens". Nesse

sentido, questionar as pedagogias culturais que circundam os processos educativos das crianças e jovens é uma prática que contribui para que a escola cumpra seu compromisso com a emancipação dos sujeitos.

Segundo Martín-Barbero (2014), a educação precisa dar visibilidade cultural às visualidades que brotam da tecnologia. Esse seria um caminho para aproximar significativamente as práticas pedagógicas das novas tecnologias digitais. Seu uso tem sido, portanto, mais instrumental do que epistemológico. Para Hall (1997), a dimensão epistemológica da cultura está associada justamente à compreensão e à transformação do mundo. Desse modo, a escola poderá conduzir estudantes à utilização das tecnologias digitais como meios de flexibilidade, problematização e criatividade.

Buckingham (2010, p. 49), em seu texto sobre o lugar da escolarização na cultura digital e educação midiática, afirma: “as habilidades que as crianças precisam em relação à mídia digital não são só para a recuperação de informação [...] elas também precisam ser capazes de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento”. Nesse sentido, a mediação docente em relação à utilização das mídias é fulcral.

Para tanto, faz-se necessária formação para esses profissionais, de modo a compreenderem a imersão das novas gerações na cibercultura, bem como a sua necessidade de intervirem no mundo por meio delas. O querer manuseá-las, entender o seu funcionamento e recriá-las já é um conteúdo que não pode ser desconsiderado na escola.

Nessa perspectiva, é salutar pensar em locais de criação para possibilitar aos sujeitos protagonizarem suas próprias constituições, de modo a exporem as suas representações. Assim, sugerimos a utilização de um aplicativo (APP) que permite a criação de memes como uma possibilidade de visibilizar os corpos e as suas diferenças, a partir de uma lin-

guagem que faz parte do rol de interesses dos jovens estudantes, ou seja, como uma forma de incentivar a autoria na cultura escolar (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017). Trata-se do Meme Generator, um aplicativo que pode ser baixado e instalado em smartphones e tablets.

O Meme Generator permite tanto a utilização de imagens existentes, como de personagens de filmes, da política ou mesmo de desenhos simples de pessoas, como os que configuram os memes analisados nesse estudo. Além disso, o/a usuário/a pode fotografar a si mesmo/a ou aos seus colegas para criar os memes. Em ambas as possibilidades, os/as criadores/as optam por escrever ou não frases curtas para comporem a imagem.

A utilização desse App na escola não concerne apenas ao criar por criar memes, até porque esse é um saber que a maioria dos/as estudantes já dominam. A proposta é problematizar as práticas corporais presentes nesse gênero, refletir sobre a representação dos corpos, questionando o que dizem os memes sobre eles, observando se há imposição de verdades e até se ocorre ou não identificação com o que é transmitido. Além dessas, outras questões podem ser suscitadas tanto pelo/a docente como pelos/as próprios/as estudantes que, posteriormente, podem expressar como se veem, por meio da criação de memes, de forma individualizada e/ou coletiva.

### **Considerações finais**

No presente estudo, evidenciamos a possibilidade, bem como a necessidade, de uma leitura menos ingênua em relação aos memes, enquanto pedagogias culturais que circulam na internet, outorgando determinados papéis e lugares ao corpo surdo, ratificando representações que auxiliam na depreciação desse sujeito na sociedade. Vimos que, em relação ao sujeito surdo, ainda pairam determinados ensinamen-

tos como: as pessoas surdas são inferiores às ouvintes e são incapazes de desempenhar papéis importantes na sociedade, cabendo-lhes o lugar da inferioridade e da ridicularização.

Sem a pretensão de fechar as análises dos memes nessa possibilidade de leitura, finalizamos com a retomada da pergunta de pesquisa: Como o sujeito surdo é representado em memes que circulam na internet? Pela amostra aqui apresentada, podemos afirmar que essa representação parece se constituir a partir de um lugar desprestigiado do sujeito surdo em relação ao sujeito ouvinte.

Sobre as pessoas surdas pairam, nos memes analisados, ensinamentos estereotipados que as marcam como sujeitos incapazes, idiotizados e passivos não só diante dos ouvintes, mas também perante todo o sistema que as cerca. Esperamos que não só no Facebook, mas em outras mídias digitais, possam surgir memes e outros gêneros discursivos que, ao invés de destacarem e disseminarem apenas os limites, possam “dar voz” ao sujeito surdo, no sentido de evidenciarem e valorizarem a sua cultura.

Por fim, acreditamos que a representação do corpo surdo em memes pode ganhar novas narrativas, a partir da autoria dos próprios estudantes surdos e, claro, de seus colegas ouvintes, tendo-se em vista que a finalidade de apropriação de novas linguagens no processo de ensino-aprendizagem é também visibilizar grupos sócio historicamente marginalizados. Trazer os memes para a discussão e a criação no ambiente escolar é considerar que a educação extrapola aquele espaço e se materializa em outros espaços e meios.

Essa proposta tem, portanto, o intuito de criar conexões, possibilitar diálogos dos sujeitos consigo mesmos e com os demais, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade ativa de saberes vivos e, constantemente, compartilhados. A desconstrução e a reconstrução de memes

no ambiente escolar podem e devem suscitar reflexões e ações que promovam a visibilidade das pessoas surdas e suas diferenças.

## Referências

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, maio-ago. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1501>. Acesso em: 22 maio 2019.

AS AVENTURAS DE GERSON, O SURDO. *Memes. Facebook: As Aventuras de Gerson, O Surdo*. Disponível em: <https://m.facebook.com/asaventurasdeger-son/?ti=as>. Acesso em: 10 ago. 2019.

BUCKINGHAM, D. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077>. Acesso em: 6 jun. 2019.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 2002.

COELHO, C. Que histórias os memes podem nos contar? Pedagogias Culturais e Currículo. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*. Salvador, v. 2, n. 6, p. 615-628, dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3895>. Acesso em: 5 jul. 2019.

COSTA, M. V.; ANDRADE, P. D. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843-862, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2015v33n2p843>. Acesso em: 6 maio 2019.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. São Paulo: Cia das Letras, 2007. [Publicado originalmente em 1976].

FELIPE, T. *Libras em contexto: curso básico, livro do estudante/cursista*. 2. ed. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FOLHA DE S. PAULO. Entenda o que é web 2.0. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20173.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROUX, H. A. Praticando os Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 85-103.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas em sala de aula. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: introdução aos estudos culturais em educação*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 203-237.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul.-dez. 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 18 jul. 2018.

HEINSFELD, B. D.; PISCHETOLA, M. Cultura digital e educação, uma leitura dos Estudos Culturais sobre os desafios da contemporaneidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. São Paulo, v. 12, n. esp. 2, p. 1349-1371, ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10301/6689>. Acesso em: 31 maio 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. Comunicação e mediações culturais. [Entrevista concedida a Claudia Barcelos]. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-162, jan-jun. 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2010>. Acesso em: 9 maio 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. *A comunicação na Educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

STROBEL, K. L. A visão histórica da in (ex)clusão dos surdos nas escolas. Dossiê Grupo de Estudos e Subjetividades. *ETD – Educação Temática Digital (ETD)*, Campinas, v. 7, p. 245-254, jun. 2006.

STROBEL, K. L. A. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2015.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

[Recebido: 31 jul. 2021 — Aceito: 18 ago. 2021]